

## CORPOREIDADE E PANDEMIA: QUE ESPAÇO TEM O CORPO NA PESQUISA EM PSICOLOGIA?

LUISA GRIEBLER<sup>1</sup>; KARINA GAUTÉRIO<sup>2</sup>; ROBERTA LUZ<sup>3</sup>; CAMILA PEIXOTO<sup>4</sup>; GIOVANA LUCZINSKI<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - [luisagriebler@gmail.com](mailto:luisagriebler@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - [karinagauterio@gmail.com](mailto:karinagauterio@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - [luzzroberta@gmail.com](mailto:luzzroberta@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - [pfcamila@hotmail.com](mailto:pfcamila@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas - [giovana.luczinski@gmail.com](mailto:giovana.luczinski@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O contexto de pandemia de Covid-19 continua a atravessar a nossa experiência de diversas formas, sobretudo através do corpo. Toda a organização social do mundo se modificou em torno dos cuidados com a dimensão física em razão do isolamento social ou da necessidade de se expor ao risco de contágio, de complicações da condição de saúde e do confronto diário com a morte. O cenário de medo, solidão e incertezas se reflete nas dinâmicas psíquicas, como também no corpo e na vitalidade. Assim, a partir de um olhar para as nossas próprias experiências como acadêmicas e pesquisadoras - através do projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de Covid-19 contada por mulheres” - nos foi possível perceber a presença marcante da implicação do corpo nas dinâmicas de ensino e pesquisa à distância, o que nos mobilizou a trazer a temática para a cena.

O projeto foi construído para ouvir as narrativas que trazem a diversidade de experiências protagonizadas por mulheres durante o período de pandemia. A partir do contato com os relatos, produzidos virtualmente, foi possível identificar como está presente a questão da corporeidade nos depoimentos das mulheres, mas também na vivência das pesquisadoras. Isso desencadeou uma inquietação e nos fez investigar como as condições do cenário atual atravessam os nossos corpos na condição de mulheres brancas, universitárias e pesquisadoras em isolamento social. Com isso, passamos a olhar nossa corporeidade com mais cuidado e atenção, bem como para a nossa experiência a partir dessa dimensão e como isso afeta nossa forma de pesquisar. Nesse sentido, a realização de uma pesquisa de forma remota através de ferramentas online nos despertou os seguintes questionamentos: Como nossos corpos estão implicados no processo de pesquisa? Isso se alterou durante o isolamento social no contexto da pandemia de Covid-19? Como é possível conduzir uma pesquisa com mulheres buscando acessar suas experiências de forma remota?

Cabe destacar que para situar nossas experiências durante o processo de pesquisa, diante do cenário de pandemia de Covid-19, foi fundamental marcar a pluralidade de existências das mulheres nesse e em outros contextos. Desse modo, a partir das reflexões colocadas por HARDING (1993), nos questionamos sobre a utilidade da análise que traz como sujeito ou objeto de estudo uma perspectiva universal de mulher. Nesse sentido, de acordo com LORDE (2019), há uma falsa aparência de homogeneidade nas experiências das mulheres que não coincide com a realidade e que o que nos separa não são as nossas diferenças de raça, idade e

gênero, mas sim, a recusa em reconhecê-las. Dessa forma, enfatizamos a importância de olhar para as diferenças que nos constituem, situando nossas experiências como graduandas e pesquisadoras brancas, apontando para o fato de que o fazer científico é sempre uma perspectiva entre várias a respeito de uma temática.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo teórico que busca discutir a dimensão da corporeidade no contexto da pandemia de Covid-19 a partir da experiência vivida por pesquisadoras, estudantes e professoras, no âmbito da Psicologia. Tal estudo surgiu a partir dos encontros por meio virtual do projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de Covid-19 contada por mulheres” da Universidade Federal de Pelotas. A pesquisa contou com a divulgação de um questionário em uma plataforma on-line, com perguntas objetivas e dissertativas que convidavam as participantes a trazer suas narrativas sobre as próprias experiências durante o período de pandemia. O recorte de tempo estabelecido para a coleta de dados foi do dia 24 de maio de 2020 a 7 de junho de 2020.

A investigação se desenvolve a partir do diálogo entre as abordagens psicanalítica e fenomenológica. Em consonância com essas perspectivas, torna-se importante situar nossas próprias experiências enquanto pesquisadoras, apontando para o fato de que nossas vivências afetam nosso modo de pesquisar. Assim, divergimos de um fazer científico positivista que estabelece uma relação hierárquica entre pesquisadora e sujeitos pesquisados e marcamos o exercício de uma ciência situada. Nessa perspectiva, a produção de conhecimento se dá de forma parcial, provisória e horizontal, realizada por pessoas localizadas em um determinado espaço e tempo históricos, constituídas interseccionalmente por marcadores de gênero, raça, classe, idade e cultura. Como traz REIS (2011), “a corporeidade é situada, dotada de sentido prévio e aberto concomitantemente” (p. 144).

Nessa perspectiva, a construção do conhecimento científico se dá a partir da experiência no mundo vivido, logo, para uma prática científica com rigor é necessário despertar a experiência no mundo para que se possa construir conhecimentos a partir dela (MERLEAU-PONTY, 1999). É por esse caminho que buscamos entrar em contato com as nossas experiências na pesquisa e a partir delas dialogar com as narrativas das participantes e com o referencial teórico, construindo um conhecimento científico com rigor, situado e comprometido socialmente no âmbito da Universidade Pública no Brasil.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em um contexto caótico e instável da pandemia de Covid-19 no Brasil, percebemos, através dos relatos da pesquisa e do contato com as nossas experiências como acadêmicas e pesquisadoras, como a execução das tarefas diárias passaram a operar de outros modos e, assim, não foi possível realizá-las com a mesma intensidade de antes. Tornou-se impossível ignorar os efeitos corpóreos e psíquicos do contato com situações de isolamento e risco biológico em um cenário de instabilidade política e crise sanitária que resultaria diariamente em um número de mortes estarrecedor. O corpo, então, solicita atenção constantemente, uma vez que é preciso atentar para os seus sinais, de forma a

manter a conexão com ele. Nesse processo, os desconfortos físicos podem ser mais intensos e a forma como se relacionam com nossa dinâmica psíquica se torna mais evidente.

De acordo com NÓBREGA (2008), “desaprendemos a conviver com a realidade corpórea, com a experiência dos sentidos, pois privilegiamos uma razão sem corpo” (p. 142). Nesse sentido, os efeitos da desconexão entre as dimensões psíquica e corpórea foram evidenciados pelas dinâmicas de isolamento social e de exposição em espaços compartilhados, como no transporte público ou em locais que seguiram com as suas atividades durante o período de suspensão de serviços não essenciais nos municípios. Essas situações se desdobram em uma diversidade de experiências, como a superprodução, o ócio, o distanciamento de pessoas próximas e o adoecimento acompanhado de um risco significativo de agravamento dos sintomas e, no limite, também a morte.

Por conta dessas novas configurações do cotidiano, os acontecimentos em torno da pandemia de COVID-19 se centralizam no corpo, construindo assim uma nova dinâmica de interação, já que esse corpo é o principal responsável pela sensação de pertencimento ao mundo. Por isso, essas novas experiências que se apresentam, afetam diretamente a dimensão da nossa corporeidade e, conseqüentemente, da nossa vida psíquica, de modo que reverberam no estado de ânimo (LUCZINSKI, 2019), contribuindo significativamente para uma atmosfera de medo, tristeza e insegurança com o presente e o futuro.

Apesar disso, foi possível perceber o constante convite para que nos adequássemos à lógica positivista, que privilegia a racionalidade em detrimento dos corpos e dos afetos como fonte de conhecimento. Isso se mostrou através de inúmeras demandas do meio acadêmico que insistiam em exigir o mesmo ritmo e os mesmos níveis de produtividade anteriores à pandemia, desconsiderando o contexto de crise mundial e suas reverberações em nossas vidas. Tais circunstâncias desencadearam um estado de exaustão e fadiga pela impossibilidade de descanso, de vivenciar o ócio, que se refletiu também em nossa relação com a pesquisa.

Afinal, o distanciamento físico em relação aos corpos das outras pesquisadoras e o contato com as narrativas somente pelo meio virtual complexificou o exercício das atividades de análise, gerando uma série de dúvidas e dificuldades de nos autorizarmos a vivenciar as repercussões físicas e psíquicas desencadeadas durante o processo de pesquisar. Os momentos de contato com as narrativas eram perpassados por muitos questionamentos e inseguranças a respeito de como ter uma postura situada e com rigor. As discussões com o grupo e os nossos registros nos diários de pesquisa eram permeados por relatos de insegurança e paralisia mediante as narrativas. Era notável o receio de nos permitirmos mobilizar pelas leituras, de acessar seus efeitos corporais e afetivos e a partir disso construir um diálogo entre as narrativas das participantes e as nossas experiências.

Ao mesmo tempo, os encontros das equipes de pesquisa dos laboratórios Pulsional e Epoché permitiam compartilhar nossas angústias e dificuldades com o processo de pesquisar, olhar para como estávamos nos sentindo em relação às narrativas e como estávamos sendo afetadas pelas atividades acadêmicas remotas em meio à pandemia. A troca de experiências entre as integrantes do grupo fazia com que nós nos sentíssemos compreendidas e pertencentes, além de trazer inspiração e motivação para o processo. O ambiente seguro e acolhedor do grupo nos permitia acessar as nossas experiências a partir da corporeidade e trazê-las

para a análise científica, conferindo sentido e vivacidade às nossas trajetórias como pesquisadoras e graduandas. A proposta de diminuir o ritmo e complexificar as nossas relações com as narrativas e as articulações teóricas trouxe alternativas à dinâmica de aceleração e ao caráter repetitivo e conteudista das atividades acadêmicas, intensificadas no período de pandemia. Entretanto, essa dinâmica não impossibilitou um espaço de acolhimento e reflexão e a criação de cenários onde fosse possível experienciar a prática de pesquisa e a escrita de uma forma mais confortável mesmo em meio às circunstâncias.

#### 4. CONCLUSÕES

As experiências de situações conflituosas por conta do contexto de pandemia desencadeiam transformações nos processos psíquicos e atravessam também a corporeidade. Diante do cenário de ameaças e incertezas, reconhecemos o caos em nossos corpos e suas reverberações subjetivas e o acolhemos, concretizando a experiência singular que construímos através do nosso estar no mundo e das formas como o percebemos. E a partir das exigências colocadas por esse contexto, passamos a ressignificar a realidade e buscar por outras possibilidades de existência.

Assim, em vista das nossas experiências como pesquisadoras em formação, encontramos um desafio em produzir uma ciência viva e corporificada a partir de um corpo mobilizado diariamente pelo cenário adoecedor e a demasiada cobrança por produtividade do meio acadêmico. Entretanto, o ritmo desproporcional da dinâmica acadêmica remota não inviabilizou outras formas mais acolhedoras e convidativas de pesquisar e escrever, bem como de possibilitar a criação de espaços de encontro e reflexão, como o grupo de pesquisa, encontrando motivação e sentido para continuar pesquisando e construindo redes e significados durante a pandemia a partir do acolhimento de nossas vivências e de seus efeitos subjetivos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 7-31, 1993.
- LUCZINSKI, G. Corporeidade, sensações e sentimentos vitais na obra de Edith Stein: um diálogo com a Psicologia clínica fenomenológica. In: MAHFOUD, M. et al. **Psicologia com alma: a Fenomenologia de Edith Stein**. Belo Horizonte: Artesã, 2019. Cap. 2, p. 59-86.
- LORDE, A. Não existe hierarquia de opressão. In: LORDE, A. et. al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 235-236.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NÓBREGA, T. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.
- REIS, N. O corpo como expressão segundo a filosofia de Merleau-Ponty. **Kínesis**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 137-153, 2011.